

EDUARDO SABINO, HELENA TERRA,
ROBERTO MENEZES:
RETRATOS DA VIDA LÍQUIDA EM TRÊS
TEXTOS DA NARRATIVA BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA✓

157

Helena FRENZEL¹

✓ Artigo recebido em 28 de fevereiro de 2017 e aprovado em 04 de maio de 2017.

¹ Bacharel em Ciência da Computação e Mestre em Engenharia Elétrica Área de Concentração - Ciência da Computação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Brasil. Bacharel em Romanística pela Saarland University, Alemanha. Mestranda em Romanística na Saarland University, Alemanha. E-mail: <helenafrenzel@gmail.com>

**EDUARDO SABINO, HELENA
TERRA, ROBERTO MENEZES:
RETRATOS DA VIDA LÍQUIDA EM
TRÊS TEXTOS DA NARRATIVA
BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

**EDUARDO SABINO, HELENA
TERRA, ROBERTO MENEZES:
RETRATOS DE LA VIDA LÍQUIDA EN
TRES TEXTOS DE LA NARRATIVA
BRASILEÑA CONTEMPORANEA**

RESUMO

O incômodo gerado pela sensação de rapidez e inconstância das coisas, bem como o medo da obsolescência, são algumas das marcas encontradas em personagens na narrativa contemporânea. E esses textos retratam um momento em que tanto as teorias quanto o material que servirá de análise para os fenômenos e comportamentos do presente ainda estão sendo produzidos. Neste trabalho, com base no conjunto de ideias que Zygmunt Bauman chamou de vida líquida, analisa-se comparativamente três textos da literatura brasileira contemporânea, visando refletir sobre as características dos protagonistas e sobre os efeitos que o modelo de vida líquida tem em seus comportamentos e mentalidades. O contexto maior no qual se insere este trabalho é a investigação de como se encontram caracterizados os personagens nos textos que tratam das gerações virtuais ou, mais especificamente, da geração 2.0, como também é referida a geração de pessoas que cresceram com o advento dos primeiros blogs e redes sociais.

Palavras-chave: Vida líquida. Personagem da geração 2.0. Eduardo Sabino. Helena Terra. Roberto Menezes.

RESUMEN

El sentimiento de incomodidad generado por la rapidez y la inconstancia de las cosas, así como el temor a la obsolescencia, son algunas de las características que se encuentran en personajes en la narrativa contemporánea. Y esos textos registran un momento en que todavía se están produciendo tanto las teorías como el material que servirá de análisis para los fenómenos y comportamientos del presente. En este trabajo, con base en el conjunto de ideas que Zygmunt Bauman llamó de vida líquida, se hace un análisis comparativo de tres textos de la literatura brasileña contemporánea, con el objetivo de reflexionar sobre las características de los protagonistas y sobre los efectos que el modelo de vida líquida tiene sobre sus comportamientos y formas de pensar. El contexto más amplio en el cual se insiere este trabajo es la investigación de cómo se encuentran caracterizados los personajes en los textos que tratan de la generación 2.0, término que se refiere a las primeras generaciones que crecieron con el advenimiento de los blogs y de las redes sociales.

Palabras clave: Vida líquida. Personaje de la generación 2.0, Eduardo Sabino. Helena Terra. Roberto Menezes.

1 INTRODUÇÃO

Uma das funções da literatura é o registro de mentalidades, eventos e comportamentos que retratam toda uma época. Na contemporaneidade, os termos utilizados na análise dos fenômenos atuais ainda não estão consolidados, ou seja, o gerúndio, metaforicamente, é o tempo verbal a ser utilizado tanto para a produção do material de análise - os textos - quanto para a produção de teorias, sobretudo no campo literário, que deem conta de compreender os fenômenos do presente. Por isso, chama muito a atenção na literatura mundial² e, sobretudo na literatura brasileira contemporânea, o retrato de certos aspectos da chamada vida líquida, termo cunhado pelo filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), e que, grosso modo, refere-se ao modelo de vida que tende a se desenvolver numa sociedade líquido-moderna. Uma sociedade líquido-moderna, nas palavras de Bauman, "é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir" (BAUMAN, 2007, p. 7). Ou seja: observa-se que a rapidez com que as coisas acontecem nesse tipo de sociedade tem uma influência muito grande na mentalidade e no comportamento de seus membros. "A liquidez da vida e da sociedade", completa Bauman, "se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo" (BAUMAN, 2007, p.7).

Em uma sociedade com estas características, cria-se a mentalidade de que – coisas, pessoas e relacionamentos – tudo se torna obsoleto muito rapidamente, e que, portanto, é mais lucrativo substituir imediatamente do que investir no reparo. Nestes termos, a sociedade líquido-moderna, segundo Bauman, é um tipo de sociedade consumista que se alimenta do lixo, dos fracassos e da insatisfação contínua de seus membros, levando-os a consumir cada vez mais e garantindo a

² No contexto norte-americano cita-se, para fins de complemento, dois romances que tratam desta temática: **The Circle** (ou **Der Circle**, em alemão), de Dave Eggers (2015) e **I Hate the Internet**, de Jarett Kobek (2016). Ambos romances fornecem um quadro muito mais amplo da sociedade líquida globalizada e de seu impacto na vida das pessoas, do que os quadros específicos e individuais apresentados nos textos aqui analisados.

sobrevivência do sistema. Não há tempo a perder com reflexões profundas, o impulso é a palavra de ordem, aprender com as experiências do passado torna-se algo inútil, dado a impossibilidade de prever o futuro mais imediato, por conta das mudanças constantes e imprevistas das circunstâncias. O reinício contínuo é um padrão a ser seguido, ou seja: "esquecer, apagar, desistir e substituir" (BAUMAN, 2007, p. 9). Para que o consumidor siga buscando novas realizações, e para que as promessas continuem se mostrando sedutoras e atraentes, é necessário quebrar as promessas feitas anteriormente, frustrando a esperança de realizá-las (BAUMAN, 2007, p. 108). Em síntese: "A vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante" (BAUMAN, 2007, p. 8).

Aspectos de uma tal vida líquida estão muito presentes no retrato do protagonista do conto **Naufrágio entre amigos**, do mineiro Eduardo Sabino³ (SABINO, 2016), na história da protagonista de **A condição indestrutível de ter sido**, romance da gaúcha Helena Terra⁴ (TERRA, 2013), e, em certa medida, no comportamento da protagonista de **Julho é um bom mês pra morrer**, romance do paraibano Roberto Menezes⁵ (MENEZES, 2015). Diferentes regiões brasileiras encontram-se, pois, representadas nos textos selecionados: regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil.

Os três protagonistas dos textos selecionados têm em comum, além da faixa etária e de serem brasileiros, o fato de passarem boa parte de seu tempo conectados à Internet. Suas histórias se passam mais ou menos na mesma época: entre as duas últimas décadas do século XX e as primeiras duas décadas do século XXI, um período em que a Internet, as redes sociais e o estilo de vida consumista estão levando à criação de mentalidades e novas regras de comportamento.

Neste artigo, busca-se, especificamente, analisar nos textos selecionados aspectos da vida líquida, como os citados anteriormente, bem como o impacto da vida *on-line* no comportamento e no perfil psicológico dos três protagonistas. Busca-se também montar um quadro que mostre, de uma maneira mais geral, como se

³ Nascido em Nova Lima, Minas Gerais, em 1986. Vencedor do concurso literário Brasil em Prosa 2015, organizado pelo jornal **O Globo** em parceria com a Amazon.

⁴ Helena Terra nasceu em Vacaria, em 1967, mas mora em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **A condição indestrutível de ter sido** é sua estreia na narrativa longa.

⁵ Roberto Menezes é paraibano, nasceu em 1978. Tem vários livros publicados e foi vencedor do Prêmio José Lins do Rego (2011).

encontra caracterizada a personagem da chamada geração 2.0 neste *corpus*, para que possa também servir de contribuição para futuros estudos diacrônicos da representação desse tipo de personagem.

2 NAUFRAGANDO NA SUPERFICIALIDADE

O conto **Naufrágio entre amigos**, de Eduardo Sabino, publicado em 2016, já apresenta em seu título uma alusão ao ato de navegar na Internet, de maneira exagerada, como estando relacionado ao ato de **naufragar** em vários aspectos: na vida, nas amizades e nos relacionamentos do mundo real. E a expressão "entre amigos" é claramente uma referência ao modelo líquido de amizade difundido nas redes sociais.

O conto é narrado em primeira pessoa pelo protagonista sem nome, um jovem que se põe a refletir sobre acontecimentos recentes de sua vida. A narrativa é fragmentada e não segue uma ordem cronológica clara, características muito coerentes com a natureza fragmentária da época em que se passa o que está sendo narrado. O protagonista conta, sobretudo, do período em que, estando desempregado e vivendo do seguro-desemprego, passava dias e noites conectado à Internet, dormindo e alimentando-se mal, ou seja: física, psicológica e metaforicamente "naufragando em condimentos e porcarias" (SABINO, 2016, p. 68). Numa madrugada, ele conhece Clara, uma *cybercelebridade* que, segundo ele, era considerada pelos especialistas do meio "a poeta mais promissora de sua geração" (SABINO, 2016, p. 73-74).

O protagonista e Clara começam então a viver na Internet um intenso relacionamento "linguístico e telepático" (SABINO, 2016, p. 71), sobretudo de natureza sexual, e que vem interrompido de forma brusca pela notícia da morte da moça, estranhamente seguida da morte de outros quatro poetas da rede – no mesmo dia e horário, todos mortos por atropelamento⁶, como Clara. Pouco depois

⁶ A morte sincronizada dos poetas virtuais parece ser um exagero intencional neste conto, justamente para representar a bizarrice que caracteriza certas produções culturais no mundo globalizado – como o padrão dos *reality shows*, por exemplo. Mario Vargas Llosa (2012), refletindo sobre esse fenômeno, ressalta que: "La inmensa mayoría del género humano no practica, consume ni produce hoy otra

do anúncio da série de mortes, um "poeta e artista plástico consagrado, professor de uma conceituada universidade" (SABINO, 2016, p. 77) revela, com um certo sadismo, que os cinco poetas mortos eram, na realidade, heterônimos seus e que aquilo tudo não passara de um "experimento poético" (SABINO, 2016, p. 77), de uma "experiência de vanguarda" (SABINO, 2016, p. 78). Com essa revelação o mundo do protagonista vem abaixo e ele começa então a refletir sobre o impacto da vida *on-line* em sua vida real e em seus relacionamentos. Ao recordar-se de uma namorada não-virtual, ele se questiona: "Uma garota linda, inteligente, desejável e que não exercia mais efeito sobre mim. O que haveria de errado comigo?" (SABINO, 2016, p. 73).

O ato de refletir sobre o que pode estar errado é um indício de que o protagonista está disposto a uma mudança de comportamento. O conto, no entanto, termina em aberto e não se sabe dos próximos passos do rapaz. Se, por um lado, o ato de refletir é algo muito positivo, por outro, se não tiver a devida profundidade e não produzir uma mudança radical, corre o risco de transformar-se em apenas uma das fases do ciclo do reinício contínuo, padrão, segundo Bauman, necessário para manter a chamada sociedade líquida em movimento:

A vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes. Entre as artes da vida líquido-moderna e as habilidades necessárias para praticá-las, livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquirí-las (BAUMAN, 2007, p. 8).

O consumidor, segundo Bauman, não pode deixar de estar sempre avaliando o valor de mercadoria daquilo ou do sujeito que deseja, não pode deixar de se preparar para substituir um bem por outro porque vida líquida significa: "constante auto-exame, autocrítica e autocensura" e "alimenta a insatisfação do eu *consigo*

forma de cultura que aquella que, antes, era considerada por los sectores cultos, de manera despectiva, mero pasatiempo popular, sin parentesco alguno con las actividades intelectuales, artísticas y literarias que constituían la cultura. Ésta ya murió, aunque sobreviva en pequeños nichos sociales, sin influencia alguna sobre el *mainstream*" (VARGAS LLOSA, 2012, p. 30-31, grifo do autor). A visão de Vargas Llosa é bastante polêmica e questionável, sobretudo ao que diz respeito à chamada alta cultura, mas não deixa de estar em vários pontos de acordo com as observações de Bauman (2007) sobre o modelo da sociedade líquida. A intenção crítica no uso do recurso estilístico se completa, no conto de Sabino, com a declaração da personagem Clara de que: "os poetas da geração 2.0 não morrem", eles apenas "[s]ofrem upload" (SABINO, 2016, p. 75).

mesmo" (BAUMAN, 2007, p. 19, grifo do autor). E é isso o que acaba levando o sujeito a consumir continuamente. Voltaremos à discussão deste comportamento mais adiante, ao falarmos da protagonista do romance de Helena Terra (2013).

Um padrão recorrente neste conto de Sabino é a crítica sutil, através do recurso da ironia, a vários aspectos da vida líquida, apontados também por Bauman (2007). Começamos por falar da crítica feita à inutilidade das atividades que o protagonista executa quando está *on-line*, como se nota no seguinte trecho:

Você surfa no vale das sombras. Desce a barra, abre fotos, abre vídeos, clica, clica, curte e retorna. Atualiza, novas histórias, rumo à próxima atração. Você entra em discussões, ganha um interlocutor, ganha ânimo, discorda de mansinho, responde em cima de resposta, tenta realimentar a conversa. Não dá, a conversa morreu. O cara se foi. A festa acabou. Um fantasma, quem sabe? Você coloca um vídeo de um blues antigo e ninguém se aproxima. São quatro da madrugada. As pessoas dormem. Os fantasmas têm corpos, vidas, sono. Você compartilha a foto de um gato dançarino. Divulga a foto de uma garota desaparecida. Você troca a foto de perfil e esquece de dizer ei, pessoal, esse cara está desaparecido também (SABINO, 2016, p. 69-70).

O protagonista demonstra ter consciência da inutilidade de suas ações, mas, de alguma maneira, parece que deseja o autoengano. O autoengano é algo bastante característico do modelo consumista porque, como coloca Bauman: "o consumismo é uma economia do logro, do excesso e do lixo" (BAUMAN, 2007, p. 108). E estes três elementos, além de não darem sinal do mau funcionamento dessa economia, constituem "uma garantia de **saúde** e o único regime sob o qual uma sociedade de consumidores pode assegurar sua sobrevivência" (BAUMAN, 2007, p. 108, grifo nosso). Ou seja: a doença criada e programada em seus membros é condição *sine qua non* para manter viva uma sociedade líquido-consumista.

A superficialidade da arte no meio literário na Internet também não é poupada à crítica no conto de Sabino. Os artistas da rede são apresentados, de modo infantil e exagerado, como "poetas talentosos" (SABINO, 2016, p. 77) capazes de renovar "a arte brasileira contemporânea" (SABINO, 2016, p.79). É bastante clara a ironia quando se compara, no conto, a opinião do especialista com a opinião do protagonista sobre a qualidade do material produzido por ele e Clara. Se, para o especialista, os textos eram "de grande riqueza" artística (SABINO, 2016, p. 79), com grande potencial de serem publicados em livro por "uma ótima editora" e ter

espaço "em uma das principais galerias em São Paulo" (SABINO, 2016, p. 79), para o protagonista, eles não passavam de "um emaranhado de sacanagens bestas, pretensiosamente líricas. Uma frase em cima da outra, palavras fazendo um papai-e-mamãe básico e demorado, quase tântrico" (SABINO, 2016, p. 66).

A arte, na sociedade líquido-moderna, como tudo, aliás, tem valor de consumo, como já vimos⁷. Bauman, discutindo as ideias de Willem de Koonig e Yves Michaud, destaca a sugestão de de Koonig de que "neste nosso mundo 'o conteúdo é um lampejo', uma visão fugidia, um olhar de passagem"⁸ (DE KOONIG apud BAUMAN, 2007, p. 84) e a de Michaud, de que "a estética, o alvo eternamente ardiloso e teimosamente perseguido da cultura, é atualmente consumida e celebrada num planeta esvaziado, e vazio, de obras de arte"⁹ (MICHAUD apud BAUMAN, 2007, p. 84), ideias que estão de acordo com o ponto de vista de Vargas Llosa (2012).

A confiança nos julgamentos-relâmpago dos membros da comunidade *on-line* está totalmente de acordo com o modelo da sociedade líquida, bem como também o fenômeno da ascensão meteórica e o culto às *cybercelebridades*. Isso se explica, parafraseando Bauman, pela dificuldade que os membros do mundo líquido demonstram em sustentar seus próprios pontos de vista num ambiente em que não há sinalizadores permanentes e tudo o que resta é confiar nos sinalizadores móveis, e que por isso, pela falta de um porta-voz confiável e permanente, as pessoas começam a aceitar, por exemplo:

Tentadoras ofertas alternativas de autoridade – notoriedade em lugar de regulação normativa, celebridades efêmeras e ídolos por um dia, e assuntos do momento igualmente voláteis extraídos das sombras e do silêncio por um holofote ou microfone nas mãos de um repórter de TV, e que se desvanecem da ribalta e das manchetes à velocidade de um raio (BAUMAN, 2007, p. 45).

O protagonista sente insegurança em sustentar os próprios pontos de vista na

⁷ Vargas Llosa, entre outras coisas, destaca que a única maneira de conseguir a democratização da cultura parece ser empobrecendo-a, tornando-a cada dia mais superficial (VARGAS LLOSA, 2012, p. 15). E aqui ele se refere ao que se convencionou chamar de alta cultura, o que é bastante questionável nos dias de hoje aliás.

⁸ W. de Koonig, **Écrits et propos** (Éditions de l'Ensb-a, 1992), p. 90. Citado em (BAUMAN, 2007, p. 84, 200).

⁹ Yves [sic] Michaud. **L'Art à l'état gazeux**, p. 9. Citado em (BAUMAN, 2007, p. 84, 200).

Internet porque sabe que tudo na rede tem um valor de mercado, é efêmero, fugaz. Ele tem consciência de que, nesse ambiente, onde há "sempre algum asteroide circundando a rede, aguardando sua vez de cair" (SABINO, 2016, p. 67), onde sempre há alguma novidade a cada instante, ele sabe, como ele mesmo declara, que se sair dos trilhos perderá a vaga no trenzinho de almas, que passará ao largo de sua estação, e ele também sabe que se ousar cantar "uma música em outra frequência", cantará sozinho (SABINO, 2016, p. 61). O medo da solidão e de ser deixado para trás está presente o tempo todo. A ascensão meteórica de Clara e a reação imediata da crítica ao trabalho dela, bem como dos julgamentos-relâmpago que a massa – na Internet – faz da qualidade artística da produção da poeta, estão registrados nas seguintes passagens:

Clara aos poucos conquistava um lugar no cenário da poesia contemporânea. [...] Críticos e poetas das antigas se aproximavam a cada novo poema no seu mural. A melhor editora independente passou a seguir sua página no Face e acenava que a porta estava entreaberta. Nesse ritmo, ela logo seria uma microcelebridade do ramo (SABINO, 2016, p. 70).

Choque no meio literário. O velório virtual atravessou o dia. Mensagens em seu mural, sua foto compartilhada, os versos dela nas atualizações, como faixas. 'Morre a poeta mais promissora de sua geração', uma revista literária publicou. Todo mundo de acordo: trezentas curtidas e contando (SABINO, 2016, p. 73-74).

E por fim, usando a ironia e fazendo uma analogia com as cigarras – motivo bastante recorrente no universo das fábulas e que faz alusão a quem é dado à boa-vida e abomina a disciplina e o trabalho –, o narrador encerra o conto com uma breve reflexão sobre as características de sua geração que, assim como os membros da sociedade líquida, demonstram ter consciência "de sua própria inércia e impotência para se mover" (BAUMAN, 2007, p. 12) no meio em que se encontram:

Como podem ficar tantos anos afundadas no solo? Não deve haver muita coisa a se fazer por lá, o tempo todo sem luz, sem sexo, sem as cores do dia, apenas se alimentando com a seiva das raízes. Um bicho estranho, a cigarra. Sorte minha ter nascido humano (SABINO, 2016, p. 81).

A pergunta que fica então é: como romper o círculo sem se deixar destruir pela exclusão?

3 REINÍCIOS SUCESSIVOS

Em **A condição indestrutível de ter sido**, romance de Helena Terra, a protagonista é uma mulher jovem, atraente e inteligente, e que tem plena consciência destes atributos. Ou seja: nos termos que descrevem uma sociedade líquido-moderna, podemos dizer que ela representa uma pessoa que tem plena consciência de seu alto valor de mercado. Porém, por conta de rejeições sofridas no passado, a protagonista tem dificuldade de entabular novos relacionamentos amorosos na vida real. Na vida *on-line*, no entanto, ela apresenta um comportamento bastante distinto: uma tendência a estabelecer com "seres invisíveis" que, semelhante a ela, "viviam" atrás de "monitores" (TERRA, 2013, p. 8)¹⁰ uma "relação próxima e de uma confiança injustificada" (TERRA, 2013, p. 7).

A protagonista se define como uma mulher que "queria ser confortada" (TERRA, 2013, p. 17), uma mulher cujos olhos frequentemente se comoviam "diante de um casal e de uma prole" (TERRA, 2013, p. 71). Ela, ao que parece, estava buscando não um parceiro ideal, mas um ideal de amor, algo sem o qual ela não se importaria "ser de carne e osso e ter ou não uma cabeça, tronco e membros" (TERRA, 2013, p. 17). E esse ideal de amor¹¹ ela sentia¹² ter encontrado na figura virtual de Mauro, ou Mau¹³, homem casado e pai de duas crianças, que escrevia num blogue coletivo que ela mantinha.

O fascínio da protagonista pela linguagem e a habilidade de Mauro com as palavras fornece os ingredientes perfeitos para um relacionamento que parece não poder sobreviver fora da linguagem e da nuvem¹⁴ dos bytes. Tanto em **Naufrágio**

¹⁰ A numeração de páginas em Terra (2013) aqui se refere a um exemplar em formato *ebook*. Portanto, é possível que haja qualquer divergência quanto à numeração das páginas em exemplares no formato impresso.

¹¹ Como a protagonista declara: "Os vocábulos *essência* e *afeto* e o conceito de casa e lar estavam encaixados em um símbolo só: Mauro. Mau personificava o meu bem. E ele e eu éramos um só, bipartidos apenas na superficialidade" (TERRA, 2013, p. 55, grifo da autora). E o sentimento de **superficialidade** também aqui está muito bem marcado.

¹² O verbo **sentir** aqui é muito bem empregado porque a personagem se caracteriza como uma pessoa que é muito mais movida pelos impulsos e pelos sentimentos do que pelo uso da racionalidade. Em um dado momento ela declara: "O meu coração é um corpo que não desiste de mim" (TERRA, 2013, p. 23).

¹³ Mau, numa clara alusão ao contrário de algo bom ou relativo a algo que faz mal: "Mauro, o meu Mau, o homem infiltrado em meu micro ao som de um temporal" (TERRA, 2013, p. 9).

¹⁴ Essa ideia de **nuvem** será aclarada mais adiante.

quanto em **A condição**, os relacionamentos *on-line* se sustentam na confiança cega na nuvem, na neblina, nas palavras. Não chega a ser nem um confiar no outro, porém confiar totalmente no desejo da existência de verdade nas palavras do outro, na nuvem que constitui a imagem do outro, o que consiste afinal em apaixonar-se por um reflexo do próprio desejo. Ambos protagonistas em **Naufração** e em **A condição** reconhecem a linguagem como um gerador de projeções. A protagonista de **A condição** chega a explicitar que: "O amor é uma invenção" (TERRA, 2013, p. 31). Ou seja, no perfil psicológico das personagens, nos dois textos, está presente um desejo claro de cegueira, uma vontade de acreditar sem medo nas projeções e imagens do mundo dos *bytes*. Exemplos da expressão desse desejo de autoengano temos, em **Naufração**, neste trecho: "Só o que havia eram as palavras, e isso exigia confiança mútua. Sem voz, sem imagem, era preciso acreditar que Clara era um reflexo do que dizia. Que não estava tirando um sarro da minha solidão" (SABINO, 2016, p. 65-66). E em **A condição**, neste trecho: "Criei para nós um céu de palavras e o habitei com uma atmosfera carregada de esperança e verbos. A esperança e o verbo eram o meu ar, as minhas nuvens, o meu amor" (TERRA, 2013, p. 17).

Assim como em **Naufração**, em **A condição** a protagonista também está refletindo sobre o fracasso de um relacionamento virtual. Ela examina com tal desejo de honestidade seus sentimentos que chega a construir uma narrativa que põe em dúvida a própria perspectiva que ela tem dos fatos. A narradora-protagonista não está cem por cento convencida do que conta e sente: "Eu sabia que ele me amava? Sabia, não sabia, sabia, não sei" (TERRA, 2013, p. 48). Em **A condição**, assim como ocorre também em **Naufração**, temos a reflexão sobre o ocorrido como pré-requisito para um recomeço na vida das personagens, porém seguida de um final aberto que não permite saber se os protagonistas darão continuidade ao processo ou se estão dispostos a romper com o padrão de uso e descarte¹⁵.

¹⁵ Tanto em **Naufração** quanto em **A condição** ambos protagonistas se sentem usados por seus parceiros virtuais, que despreocupadamente aplicam o padrão de uso e descarte. Em **A condição**, a protagonista sofre e reclama quando tem a sensação de estar sendo substituída por outras peças do mundo virtual. No entanto, tentando fugir do amor frustrado, reproduz o padrão de uso com outros homens na vida real. Não se sabe se os respectivos parceiros sofrem com esse jogo, mas ela sim, se sente transformada em "um mosaico de frustração e de vergonha" (TERRA, 2013, p. 35), ou seja: ela sofre e se boicota em todos os casos: quando é vítima do padrão e quando tenta reproduzi-lo. Já em **Naufração**, o protagonista sofre por ter sido usado por Clara e, na vida real, prefere manter distância

4 A QUESTÃO DAS DEPENDÊNCIAS

Quanto a uma certa dependência do ambiente *on-line*, percebe-se que tanto em **Naufração** quanto em **A condição**, as personagens não conseguem passar muito tempo sem conexão à rede. Em **Naufração**, o protagonista revela que as constantes notificações que recebe das redes sociais enquanto navega em outros sites prejudicam a leitura e deixam-no "ansioso por voltar" e verificá-las o quanto antes (SABINO, 2016, p. 62). E que quando não recebe nenhuma notificação se sente "confuso" e se pergunta: "Será que as pessoas tocaram campainha em mim e saíram correndo?" (SABINO, 2016, p. 62).

Já em **A condição**, a protagonista não consegue passar mais de uma semana "afastada do teque-teque de um teclado" (TERRA, 2013, p. 33), e Mauro demonstra ter dificuldade em terminar a relação entre eles, principalmente pela dependência do mundo de palavras e e-mails que ambos criaram. A protagonista relata:

Ele voltava a afirmar que vivia bem, quase feliz, e que uma relação comigo era impossível, porque havia a mulher, as crianças, o trabalho etc., entretanto, precisava dos mimos das minhas palavras. E muito. Eu era a sua leitura e a sua escrita, a biblioteca perfumada do seu afeto e deveria me contentar com esse posto (TERRA, 2013, p. 38).

Essa dependência da Internet não se mostra tão aguda na protagonista de **Julho é um bom mês pra morrer**, romance de Roberto Menezes, mas também está presente. Laura, uma blogueira de 35 anos, perde na justiça o direito de permanecer em seu apartamento, o único ainda habitado em um prédio que está para ser demolido. De seu quarto, na iminência do despejo, e muito decidida, Laura lacra portas e janelas e segue esperando a execução da sentença judicial e o suposto fim de sua vida. Enquanto espera, põe-se a digitar uma carta para a mãe, Lucy, que "morreu" (MENEZES, 2015, p. 15) quando Laura tinha apenas quatro anos de idade (MENEZES, 2015, p. 73).

da namorada (ou ex-namorada) Juliana, demonstrando uma certa preocupação com os sentimentos dela, o que caracteriza um leve desvio no padrão de uso e descarte (SABINO, 2016, p. 72-73).

A escritura da carta funciona, para Laura, como um tipo de busca de identidade, uma tentativa de repassar a própria vida nos mínimos detalhes, pensar sobre os traumas, os abandonos e também sobre as pessoas que marcaram sua existência, sobre os relacionamentos fracassados e sobre as tragédias – a morte da irmã, por exemplo. Diferente dos protagonistas de **Naufrágio** e de **A condição**, a atitude de Laura não sinaliza uma vontade de recomeço, e sim uma consciente desistência. Na carta, ela reporta de sua experiência também com a Internet e a tecnologia, coisas que fazem parte do dia a dia das pessoas de sua geração, e conta que o que está digitando já foi reciclado "em blogs" e na forma de "lamentos anônimos em redes sociais" (MENEZES, 2015, p. 7). Laura se define como pertencendo – e no texto é muito forte essa ideia de pertencimento – a "uma geração que é dada a estragar finais" (MENEZES, 2015, p. 171), sentimento que está totalmente de acordo tanto com os estudos que alertam para um aumento significativo de casos de depressão em todo o mundo, sobretudo entre os mais jovens, como destaca Casarin (2016, p. 5), quanto com as ideias de Bauman (2007) de que o fracasso é desejado, e inclusive buscado, por ser um dos pilares que sustentam o modelo líquido-consumista.

Diferente dos protagonistas de **Naufrágio** e **A condição**, Laura, embora blogueira e usuária assídua de redes sociais, não tem propriamente crises de abstinência quando está *off-line*, porém ela, como os demais protagonistas analisados, tem uma grande necessidade de se expor na Internet, e se sente bastante incomodada pela diferença de velocidade com que as coisas sucedem na vida *on-line* e na vida real e pela superficialidade que a vida líquida requer, como se pode ver na seguinte passagem:

Os dias passam ligeiro demais. Reclamo todo dia como os dias passam lentos. Gasto minhas noites em redes sociais, escrevo palavras tolas em blogs. Me convidam para tantos blogs. Escrevo palavras de pele. Palavras de superfície. Escrevo sobre o que não sinto. Sou escritora convencida que convence a todos, menos a mim. Se você cavar minhas palavras por aí, não dá n'água (MENEZES, 2015, p. 56-57).

Embora domine e faça uso constante da tecnologia, Laura não chega a perder o contato com o mundo real, não vive relacionamentos apenas (ou em sua

maioria) na Internet, como é o caso dos protagonistas em **Naufrágio** e **A condição**. Talvez isso ocorra porque, na iminência de um despejo, ela se veja obrigada a concentrar-se na dura realidade. Ao longo de sua vida, Laura, em vez de buscar alento na Internet, recorre às festas, ao álcool, aos tranquilizantes e às drogas para fugir de seus problemas e, neste aspecto, tem uma postura muito distinta daquela dos outros protagonistas. As dependências se desenvolvem, portanto, da necessidade que os membros de uma sociedade líquida têm de segurar-se em alguma coisa, em qualquer coisa, que lhes permita seguir no turbilhão em que estão inseridos.

Mesmo estando embebida na vida *on-line*, como os outros dois protagonistas, Laura, por conta dos muitos problemas em sua vida real, não chega a perder a noção de realidade. Isso reforça a tese de que o mundo virtual perde importância quando faltam os mínimos recursos. Ou seja: quem está lutando pela sobrevivência não tem como ser absorvido completamente pelo modelo de sociedade líquida. Os menos favorecidos são, contra a vontade, inseridos passivamente nessa engrenagem, sustentando os pilares da globalização e do sistema capitalista. Quanto aos recursos, voltaremos a falar mais adiante da situação econômica dos protagonistas. Quanto ao futuro da humanidade, Laura faz um prognóstico bastante interessante:

Hoje vejo que, não só eu, toda a humanidade não sobreviverá a esse novo milênio. Ninguém em nenhum canto do mundo vai fugir dessa **necessidade iminente de autodestruição**. Essa obsessão pela **queda**, pelas pedras, vai levar a gente, um a um, aos escombros desse planeta (MENEZES, 2015, p. 160-161, grifos nossos).

Voltando rapidamente ao padrão do reinício contínuo observa-se que tanto o protagonista de **Naufrágio** quanto a protagonista de **A condição** implementam esse padrão, que Bauman descreve, *grosso modo*, como uma lista a ser seguida nesta ordem: 1) lembre-se das coisas ruins e esqueça as boas; 2) apague toda a correspondência eletrônica; 3) conheça outra pessoa. Ou seja: "Do princípio ao fim, a ênfase recai em esquecer, apagar, desistir e substituir" (BAUMAN, 2007, p. 9), como já havíamos dito. Em **Naufrágio**, em **Julho** e em **A condição**, está claro que os protagonistas se esforçam para refletir sobre a experiência do fracasso, deixando

o passado esquecido na lata do lixo dos computadores ou na nuvem¹⁶ da Internet antes de partirem para o próximo passo. Os trechos a seguir ilustram ocorrências desse padrão. Em **A condição** a ênfase recai nos atos de desistir e substituir o mais rápido possível, enquanto que em **Naufração**, a ênfase recai em esquecer e apagar:

Via a vertigem de **uma queda** se aproximando, do meu corpo tombando na palidez do chão. Via a dor antiga e inerte, incapaz de salvar-me, escapando de sua cela. Via o tecido delicado do meu vestido tingindo-se de lágrimas. E me via imóvel, sem saída, sem voz para pedir socorro. [...] Eu era um adeus espatifado e constrangedor. Era uma mulher invisível e explícita à indiferença do mundo e estava a destruir os últimos grãos de dignidade quando senti o toque de mãos grandes, senti o cuidado [...] e pude então recuperar o foco e ouvir a voz calma, perguntando se eu não era aquela passageira do voo de Havana. Sim, eu era aquela passageira, aquela mulher, aquela menina de Havana e precisava desesperadamente de um abraço [...] (TERRA, 2013, p. 71-72, grifo nosso).

Clara na lixeira do computador. Meia dúzia de fotos, trinta e quatro poemas, doze letras de música [...] (SABINO, 2016, p. 64).

Quanto à sensação de vertigem descrita pela protagonista de **A condição**, percebe-se que as ideias de queda e fracasso constituem núcleo temático nos três textos. Em **A condição**, como se vê na citação acima, quando a protagonista está prestes a se confrontar com a realidade do abandono; em **Naufração**, quando o narrador, ironicamente, usa o modelo de uma passagem bíblica para destacar a liquidez do meio: "Mil cairão ao teu lado, dez mil cairão à tua direita, mas tu não serás atingido. Tu moras no Facebook" (SABINO, 2016, p. 62); e em **Julho**, de maneira tão significativa, quando Laura constata que: "cair em si é o pior dos poços sem fundo" (MENEZES, 2015, p. 28). A imagem da queda, assim como a imagem do mar – associada à substância líquida, ao afogamento, ao sufocamento, à falta de

¹⁶ A ideia de nuvem, relacionada ao conceito de armazenamento de dados na Internet, oriunda do termo técnico *cloud*, e das metáforas originadas por essa ideia, estão presentes nas reflexões dos três protagonistas. Em **A condição**, referindo-se à consistência do relacionamento (e também, no nível do subtexto, ao meio líquido virtual no qual se dão esses relacionamentos), a protagonista reconhece que iria com Mauro para onde ele quisesse, que iria como uma nuvem, pois **havia se transformando em nuvens** (TERRA, 2013, p. 17). Já em **Julho**, a protagonista Laura chega a dar uma definição para o termo: "Aí foi que lembrei hoje mais cedo, eu tinha passado o texto pro arquivo do word, esse arquivo salva automático na Nuvem. O que é Nuvem? É o céu das ideias vergonhosas que se furtaram de ir pra lata de lixo" (MENEZES, 2015: p. 49-50), definição esta que está interligada à exposição desmedida na Internet. Já em **Naufração**, a ideia da nuvem – ou de viver nas nuvens da Internet – se apresenta quando o protagonista comenta ironicamente, referindo-se a si mesmo: "Tu moras no Facebook" (SABINO, 2016, p. 62). Por aí se observa o quanto o conceito de vida líquida influencia as percepções de estado de espírito ou mesmo a própria identidade dos personagens nestas três narrativas.

ar – e a imagem da torre – como símbolo de resistência – estão muito presentes, sobretudo na história de Laura¹⁷, bem como no quadro do modelo de sociedade líquida descrito por Bauman (2007). A importância destas imagens em cada narrativa se pode constatar no design das capas de cada volume, a saber: em **A condição** se vê uma pedra em queda livre; em **Naufração** se vê uma ampulheta que, em lugar da areia, traz uma substância líquida e que transmite uma sensação de angústia com o tempo e em **Julho**, vê-se uma torre que quase por completo está submersa em alto mar, transmitindo uma ideia de resistência ou iminência de sufocamento.

5 CONFIANÇA INJUSTIFICADA E DESPREOCUPAÇÃO COM CONSEQUÊNCIAS

A protagonista de **A condição** sabe da confiança injustificada que desenvolve com estranhos na rede, porém não chega a buscar uma explicação para tal comportamento. As pessoas, no mundo líquido, têm a tendência de confiar rapidamente em estranhos, tanto na Internet quanto no mundo real porque, segundo Bauman, "os estranhos incorporam o *risco*. Não há risco sem pelo menos algum resquício de medo de um dano ou perda, mas sem risco também não há chance de ganho ou triunfo" (BAUMAN, 2007, p. 102, grifo do autor). E completa: os locais repletos de risco atraem e repelem justamente por estarem carregados de intensa ambiguidade.

Os três protagonistas tendem a confiar muito rapidamente em estranhos e só vêm a refletir sobre as interações e as pessoas depois da experiência do fracasso das relações. Com base nos relatos das protagonistas de **Julho** e de **A condição** se percebe que a Internet tornou-se um lugar para o desnudamento público não só do corpo, mas da psiquê. Em **Julho**, Laura declara que o que está escrevendo na carta de despedida para a mãe já foi reciclado publicamente na rede. Já em **A condição**, a obsessão da protagonista com o seu Mau idealizado leva-a a buscar um fotógrafo profissional para que ela possa expor sua nudez na Internet, para ele, e sem arcar

¹⁷ Mais sobre a complexidade da personagem Laura e sobre o grau de representatividade da geração contemporânea em **Julho** encontra-se em (CASARIN, 2016).

com o risco das consequências: "Entrar em um estúdio e tirar as roupas havia sido a prova final da minha veneração por um homem que, por mais que dissesse que me queria, não se esforçava para tornar nossa vida possível" (TERRA, 2013, p. 45). O fato de ter buscado um fotógrafo profissional também é uma evidência do quão importante é, para os habitantes do mundo virtual, construir imagens e montar "identidades" baseadas nestas imagens¹⁸. Os protagonistas em **Naufração** e **A condição** são caracterizados como pessoas que levam a vida *on-line* mais a sério do que a vida real, e que quase não param, no ato das interações, para pensar nas consequências. Para as pessoas da geração 2.0 o futuro e as consequências não existem, só o presente e a satisfação momentânea importam.

6 A QUESTÃO DOS RECURSOS

Por ser uma sociedade voltada para o consumo, é preciso ter os mínimos recursos para se poder fazer parte dela. Vejamos rapidamente a situação econômica dos protagonistas. Dos três, o único que não tem uma fonte de renda que permita o sustento a longo prazo e a consequente manutenção de um estilo de vida líquido-burguês é o protagonista de **Naufração** que, temporariamente, vive do seguro desemprego e logo não poderá arcar com as cobranças¹⁹.

Já as protagonistas de **Julho** e **A condição** apresentam uma melhor situação. Laura, primeiramente, vive sustentada pelo pai, que por um bom tempo tem recursos de sobra. Em um dado momento, no entanto, a situação muda, o pai se enche de dívidas e Laura salva a família – e garante um futuro sem preocupações com dinheiro – ao ganhar um prêmio na loteria.

Em **A condição**, deduz-se que a situação econômica da protagonista não é ruim. As férias em Havana²⁰ e o fato de ter uma diarista²¹ dão pistas de uma situação estável. A protagonista de **A condição** não fala de outra atividade no texto, além da manutenção do blogue coletivo. E ela também não reforça a possibilidade

¹⁸ "Mauro haveria [...] de me ver bem" (TERRA, 2013, p. 41).

¹⁹ "[...] um sms, provavelmente cobrança da operadora" (SABINO, 2016, p. 69).

²⁰ "Mauro haveria de me ver jantando à luz de velas em Havana, [...]" (TERRA, 2013, p. 41).

²¹ "Acordei exausta, com a diarista tocando o meu ombro de leve, [...]" (TERRA, 2013, p. 47).

de Mauro estar enganado, quando a qualifica como “burguesa” (TERRA, 2013, p. 64).

7 O PAPEL DOS PAIS OU POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS EDUCACIONAIS

E para terminar esta breve análise comparativa, vejamos rapidamente o papel dos pais na vida dos protagonistas. Em **Naufrágio**, a mãe do protagonista vê com muita preocupação o estilo de vida do filho. Não chega a intrometer-se de maneira autoritária, mas aconselha-o seriamente a “sair deste computador” (SABINO, 2016, p. 65). É possível notar que ela se expressa como se o computador não fosse mais um acessório, e sim algo maior que os usuários, como se fosse uma entidade com poder de decisão. No mundo líquido, ao que parece, não mais os seres humanos estão no comando, e sim o sistema. As pessoas sofrem por terem consciência dos males que o sistema consumista causa a todos, e também por terem ciência de que elas realimentam esse sistema praticando o autoengano. E, principalmente, elas sofrem por constatarem impotência ao tentar sair do círculo.

No caso de **A condição**, a protagonista mostra ter tido uma educação que ensinou-a a autocontrolar-se e a reprimir-se²² e, nesse ponto, o mundo *on-line* se coloca para ela como um ato de rebeldia, como uma forma de desvio do modelo educacional recebido. O fato de ela estar, ao que tudo indica, ainda crescendo emocionalmente, justifica sua intenção de desviar de propósito dos padrões impostos. O trecho a seguir mostra a luta que ela trava consigo mesma para resistir ao desejo de autoengano no tocante ao relacionamento com Mauro:

Então, por costume, negando a vontade de ser honesta e de demonstrar ansiedade, lembrei do que me ensinaram sobre lágrimas, autopiedade, falta de orgulho etc. e escrevi: [...]. Afirmação que digitei sem acreditar em um milímetro e da qual o meu corpo, absoluto, duvidou (TERRA, 2013, p. 19).

Ela, ao que parece, está testando os próprios limites no terreno dos jogos amorosos, e não sabia se Mauro tinha razão quando a acusava de ter “medo de ser

²² Como a protagonista declara: "Cedo, condicionaram-me a não chorar. Cedo, ouvi que chorar afetaria o meu senso de realidade e me humilharia" (TERRA, 2013, p. 8).

feliz” (TERRA, 2013, p. 64), seja lá o que felicidade signifique no contexto do mundo virtual líquido.

Já em **Julho**, a figura paterna não impõe severos limites, apresenta-se como um mero provedor de recursos. Laura tem como modelo materno a avó paterna, que por sua vez não se intromete nem impõe claros limites à neta. Laura se vê como uma pessoa que teve todos os recursos e, embora reconheça a influência do trauma da morte prematura da mãe, não deseja pôr em nada ou em ninguém a culpa por seus problemas.

Fui do tipo de menina bem criada. Tive de tudo, boa família, boa educação. Fui eu que estraguei tudo. Não ponho culpa em ninguém. Viver sem mãe, quantos não vivem por aí, não é Lucy? [...] Eu, princesinha do papai, com catorze anos, tinha um quarto e um baú de sonhos. Acho que foi esse medo danado de terminar como voíinha que estragou tudo (MENEZES, 2015 p. 12).

Dos três protagonistas, portanto, apenas a protagonista de **A condição** sinaliza ter tido uma educação mais rígida.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se analisar a presença de alguns aspectos da chamada vida líquida – de acordo com a visão de Zygmunt Bauman – na caracterização dos protagonistas nos textos analisados. Os três protagonistas revelaram-se bastante representativos de sua geração e merecem análises mais detalhadas de outros aspectos de suas subjetividades e perfis psicológicos, além daqueles considerados neste trabalho. Observou-se que as ideias de naufrágio, queda, vertigem, consciência de superficialidade, frustração e incômodo com a rapidez com que as coisas acontecem estão muito presentes na caracterização dos protagonistas, bem como o medo constante do esquecimento e do descarte.

De um modo geral, se pode dizer que as personagens da geração 2.0, nos textos aqui analisados, encontram-se representadas da seguinte maneira: como pessoas que, no mundo virtual, agem por impulso e que só são capazes de refletir

sobre as consequências de seus atos após um fracasso ou desilusão. O ato de refletir, no entanto, não sai da superfície e funciona como uma fase do processo de reinício contínuo, que é o que alimenta o modelo consumista de uso e descarte também nos relacionamentos. São pessoas que demonstram uma constante insatisfação, exatamente por reconhecerem a inutilidade e superficialidade dos atos que praticam e ainda assim se sentem impotentes para quebrar o círculo. São pessoas que, consciente ou inconscientemente, alimentam um desejo de autoengano, do qual não podem se livrar por ser este um elemento necessário à manutenção do sistema. São pessoas que sabem que tudo no sistema tem um valor de consumo e um alto grau de obsolescência, incluindo as artes e sua recepção, e que por isso não chegam a rebelar-se contra a ascensão e o culto às *cybercelebridades*, e até mesmo desejam se tornar uma delas. São pessoas que, por um lado, conhecem o seu valor de mercado e dominam as estratégias de marketing, mas que por outro, são carentes e inseguras em vários sentidos. Embora desejem manter o individualismo, muitas vezes não conseguem sequer sustentar um ponto de vista próprio, temendo a pena de exclusão do grupo. E para que não sejam excluídas estão dispostas – e chegam a sentir grande necessidade – de constante exposição, tanto física quanto psicológica. Em sua maioria, são pessoas que temem a solidão e que, por conta da dinâmica do sistema, não conseguem passar muito tempo desconectadas e assim se tornam ansiosas, dependentes da rede ou de outras coisas. A exigência de reciclagem emocional é constante na vida dessas pessoas. Para elas, o presente e a ilusão de satisfação momentânea é tudo o que importa, e por isso não têm preocupações com o futuro. São pessoas que dispõem dos mínimos recursos para sobreviver e passar boa parte do tempo *on-line* – pessoas economicamente desfavorecidas não têm o poder de escolha em ser parte do mundo líquido, porém encontram-se inseridas nele como peça ou combustível. São pessoas que podem não ter tido um modelo de educação muito rígido ou baseado na imposição de claros limites. E por fim, são pessoas que, de maneira curiosa, tendem a boicotar-se continuamente, insistindo em não enxergar um fracasso altamente previsível.

Com base neste quadro geral visa-se acompanhar a evolução futura, na literatura, da representação deste tipo de personagem, bem como o surgimento de

novas teorias sociais e literárias que ajudem a compreender cada vez melhor os fenômenos sócio-comportamentais da atualidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CASARIN, Rodrigo. Fugas de uma geração dada a estragar finais. **Suplemento Pernambuco**, Pernambuco, n. 130, p. 4-5, dez. 2016. Disponível em: http://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_130_web.pdf

178

EGGERS, Dave. **Der Circle**. Köln: Kiepenhauer & Witsch, 2014.

KOBEK, Jarett. **ich hasse dieses internet**. Frankfurt am Main: S. Fischer, 2016.

MENEZES, Roberto. **Julho é um bom mês pra morrer**. São Paulo: Patuá, 2015.

SABINO, Eduardo. Naufrágio entre amigos. **Naufrágio entre amigos**. São Paulo: Patuá, p. 61-81, 2016.

TERRA, Helena. **A condição indestrutível de ter sido**. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

VARGAS LLOSA, Mario. **La civilización del espectáculo**. Madrid: punto de lectura, 2012.